

A SOCIOLOGIA COMO ONTOLOGIA DO PRESENTE

Sociology as ontology of the present

Frédéric Vandenberghe¹

Resumo

Para reconstruir as sociedades, temos que reconstruir a sociologia. É somente se a sociologia se abrir à filosofia e aos 'Estudos' para analisar a ontologia do presente que ela poderá contribuir para a análise, o diagnóstico e a crítica da atual transformação da sociedade. O artigo apresenta uma visão panorâmica de cinco gerações de sociólogos e desenvolve o conceito de uma segunda pós-modernidade como encontro fatídico do neoliberalismo, do populismo e do Antropoceno em uma única síndrome.

Palavras-Chave: Sociologia; Ontologia; Teoria Crítica.

Abstract

To reconstruct societies, we must reconstruct sociology. Only if sociology opens up to philosophy and the Studies to analyse the ontology of the present can it contribute to the analysis, diagnosis and critique of the current transformation of society. Taking a long view of the discipline, the article presents a panoramic vision of five generations of sociologists. Finally, it develops the concept of the second postmodernity as the fateful merger of neoliberalism, populism and Anthropocene in a single syndrome.

Keywords: Sociology; Ontology; Critical Theory.

¹ Frédéric Vandenberghe é professor de Sociologia do IFCS/UFRJ e coordena o núcleo de estudos Sócio filo (IFCS/UFRJ). E-mail: fredericvdbrio@gmail.com Cidade: Rio de Janeiro/RJ. Este texto também possui uma versão em francês, "La Sociologie comme Ontologie du Présent", publicado pela **Revue du MAUSS**, 2020/2 nº 56.

Introdução

Ninguém sabe se um novo Parsons, Habermas, Luhmann ou Freitag irá aparecer.² O fato é que, na sociologia, não temos mais uma teoria geral da sociedade capaz de integrar os fundamentos filosóficos (metatheoria), a elaboração de um sistema de conceitos fundamentais (teoria social) e uma reflexão sobre as transformações estruturais da modernidade (teoria sociológica) em uma única teoria que seria ao mesmo tempo geral, sistemática e histórica. O tempo da *Grande Teoria* parece ter acabado. Em qualquer caso, na sociologia, pelo menos na sociologia francesa e americana, a teoria pura dificilmente é encorajada. A obrigação de ancorar a reflexão ao campo impede a desterritorialização da teoria. Qualquer pessoa que se aventura fora do campo para se entregar aos prazeres da especulação, sistematização ou axiomatização, sai dos trilhos e se exclui do jogo de linguagem da sociologia. Como efeito disciplinar, a pessoa fora da pista está "fora de campo".

Neste artigo, eu gostaria de sugerir uma dupla mudança - primeiro, da disciplina da sociologia para uma nova síntese das ciências sociais, da filosofia moral e política e das novas humanidades (CAILLE e VANDENBERGHE, 2021) e, segundo, do passado glorioso da sociologia para o presente muito menos glorioso. O importante agora não é mais saber o que é ou faz a sociologia, mas tentar interpretar os eventos que estão destruindo as sociedades em todo o mundo e empurrando-as para o abismo, a catástrofe, a morte. Como no período entre guerras, como fizeram Karl Mannheim, Theodor W. Adorno e Talcott Parsons, as agendas de pesquisa precisam ser mudadas urgentemente. Colegas estrangeiros (americanos, russos, índios, turcos, brasileiros, etc.) que, como eu, vivem sob um regime autoritário, não esperaram pela pandemia do coronavírus para dar palestras sobre assuntos atuais³. No espírito de uma "sociologia aumentada" (MACÊ, 2020) que toma nota da crise da sociedade, da crise da modernidade e da crise da sociologia,

² Incluo nosso falecido amigo Michel Freitag, líder da École de Montréal e colega de MAUSS, entre os grandes teóricos da sociedade. Veja a reimpressão revista e ampliada de *Dialectique et société* em 5 vols (3 dos quais já foram publicados).

³ Neste artigo, procuro sistematizar algumas das reflexões que explorei no seminário de doutorado "Ontologia do Presente: Neoliberalismo, Antropoceno, Populismo" na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2019. O colapso do Brasil sob o governo de Jair Messias Bolsonaro forma o pano de fundo e o fundo das minhas reflexões sociológicas sobre este país que tanto amamos.

vou propor a ontologia do presente como uma reflexão indisciplinada sobre a segunda pós-modernidade.

Paisagens da Sociologia

Não são tanto os sociólogos como os filósofos que querem uma nova aliança entre a filosofia e as ciências sociais e que propõem um "tratado de paz" em torno da teoria, mas "um projeto que poderia ser federativo" (GAUCHET, 2014, p. 201). Para os sociólogos, a teoria se refere mais a uma espécie de aglomeração e reorganização sintética de temas de pesquisa que transcende os diferentes pontos de vista sobre um determinado campo (cultura, classe, consumo, movimentos sociais, etc.) que podem ser encontrados na literatura especializada das diferentes sub-disciplinas da sociologia (sociologia da educação, do trabalho, da estratificação, etc.). O que falta, me parece, é um aumento na generalidade que não tenta tanto reorganizar o material de pesquisa em uma teoria de médio alcance, mas reorganiza e sintetiza as teorias de médio alcance em uma teoria da sociedade.

A variação das escalas de generalidade é importante, pois ao variar a resolução das diferentes abordagens da realidade - do *Google Street View* ao *Google Earth* - não se pode apenas manter a continuidade entre o abstrato e o concreto, o conceitual e o empírico, mas também se pode mais facilmente continuar o diálogo entre sub-especialistas e generalistas que são os garantes da unidade da disciplina. Unidade da disciplina, que também requer reconstrução racional e reinterpretção ritual dos clássicos. De fato, esta é sua principal função. Se voltamos obsessivamente para Marx, Weber e Durkheim, não é porque eles envelheceram bem, mas porque a passagem por suas obras permite que o vinho novo seja colocado em jarras velhas e o vinho velho em garrafas novas. É assim pela canonização e incorporação ao corpus disciplinar-departamental que a sociologia mantém sua coerência e se fecha em si mesma.

A vantagem de uma teoria geral é que ela é "saliente" - como o mirante, ela amplia o horizonte e permite ver toda a paisagem: as cadeias de montanhas, vales e rios invisíveis dos observatórios inferiores só se tornam visíveis na parte superior. Naturalmente, os mirantes inferiores também

permitem ver parte da paisagem, inclusive do observatório superior que os observa. Eu vejo o teórico não como o criador do universo, mas como o pintor que pode se mover de um mirante para outro. A bela metáfora das "paisagens da verdade" (LÖWY, 1985) é conveniente, mas enganadora, porque a realidade social não é estática, mas dinâmica. A natureza não está morta, mas viva. A história foi novamente colocada em movimento. As sociedades estão em tumulto. A cultura é contestada. Os indivíduos são politizados, polarizados e hiperativos, mesmo em confinamento.

O que precisamos é de uma nova síntese dinâmica, como aquela proposta uma vez por Karl Mannheim (1995), como uma alternativa à filosofia da história marxista. Nesta visão de uma sociologia dinâmica e sintética, o pintor é um intelectual desapegado que se permite flutuar livremente entre disciplinas para tentar entender o que acontece no mundo, com a natureza, com a cultura e com as sociedades quando não existe mais (ou ainda não existe) uma filosofia da história.

A sociologia se sente desconfortável não apenas com a teoria e a filosofia, mas também com o espetáculo da política mundial e das notícias nacionais. Como Danny Trom (2019, p. 7) observou com razão, "aquele que se aventura a dizer algo sobre isso age a linguagem da prosa jornalística e se exclui do jogo da linguagem das ciências sociais". De fato, até recentemente, os ensaios sobre conjuntura e análise situacional eram bastante desaprovados - bem recebidos e bem recebidos como expressões de cidadania engajada, mas não lidos como contribuições profissionais por sociólogos. Ao contrário, eram vistos como filósofos da mídia ou jornalistas de investigação falando sobre uma grande variedade de assuntos (terrorismo, jaquetas amarelas, pandemia), mas como "fraudadores" sem disciplina e sem fundamento, viajando sem um bilhete.

O sucesso da "sociologia pública" (BURAWOY, 2005) não contradiz esta observação, mas a confirma. Sucessor da sociologia marxista crítica dos anos 70, é de fato uma sociologia heterodoxa e militante, uma sociologia enraizada na vida cotidiana que encontra na sociologia seus recursos conceituais para se engajar nas lutas das minorias ativas contra a dominação, a discriminação

e a exclusão.⁴ Vemo-la trabalhando em novos periódicos, fóruns de discussão, grupos de trabalho, fóruns coletivos, petições e manifestos sobre uma multiplicidade de temas - dos direitos dos migrantes aos direitos dos animais, da política de identidade à violência policial, da crítica da nanotecnologia à mudança climática (DURAND, 2019). Embora a sociologia pública e crítica não possa e não deva ocupar todo o campo da disciplina, acredito, no entanto, que a situação crítica da sociedade faz de cada profissional um intelectual, o que não significa um ativista. A manutenção de padrões de rigor acadêmico é essencial para a sociologia que procura interpretar e explicar os eventos atuais. Como Bourdieu (2002) disse certa vez, conhecimento e compromisso - *bolsa de estudos e compromisso* - não são exclusivos, mas inclusivos. Ao mesmo tempo em que abre a sociologia às disciplinas vizinhas e se envolve na esfera pública, a sociologia deve manter a autonomia da ciência para defender seus próprios valores - comunismo, universalismo, desinteresse e ceticismo organizado (MERTON, 1973) - que são ameaçados tanto pela privatização do conhecimento (mercados) quanto pelo retorno de regimes autoritários (estados).⁵

O duplo mal-estar da sociologia em relação à teoria e aos assuntos atuais, sua relação tensa com a filosofia e o jornalismo como "pólos que deveriam desaparecer do campo de uma disciplina mais exigente cientificamente" (LAHIRE, 2002, p. 46, nota 6) explica em parte porque a disciplina se encontra ultrapassada em suas fronteiras. Atualmente, a teoria da sociedade se desenvolve bastante fora da sociologia, entre filosofias pós-marxistas - 'teoria crítica' não tanto no sentido municipal (Frankfurt) como no sentido ecumênico - mas também nas notícias interdisciplinares ou não dos *Estudos Culturais* no sentido mais amplo, incluindo aqui especialidades como gênero, mídia ou estudos pós-coloniais, que abrem as perspectivas da velha Europa, dando voz aos dominados e aos subordinados. Dadas as

⁴ Menos militante, mas não menos comprometida que a sociologia pública, a sociologia cívica coloca a moralidade e o local em primeiro plano. Gostaria de mencionar a nova revista *Civic Sociology*, publicada pela University of California Press, que acaba de publicar o *Segundo Manifesto de Fácil Utilização em inglês*. Cf. <https://civicsociology.org>

⁵ Os valores subjacentes às ciências podem ser facilmente atualizados e reformulados na linguagem de MAUSS: a pesquisa é realizada em comum epistêmico ou comunidades (comunismo) que juntos buscam a verdade (universalismo) num espírito anti-utilitário (desinteresse) e agonista (ceticismo organizado). É através de uma luta pelo reconhecimento que a consciência e o conhecimento avançam.

circunstâncias (a pandemia), a conjuntura fluida (populismo), a turbulência geopolítica (a nova guerra fria) e a desregulamentação ecológica que estamos atravessando, pode-se pensar que, como nos anos 60 e 70, a sociologia será mais histórica e política, mais preocupada com uma análise do presente do que com uma investigação de seus pressupostos filosóficos e coerência conceitual. É duvidoso se estará na vanguarda do pensamento nos anos vindouros.

Não que ela não possa contribuir para a reflexão sobre a ontologia do presente, mas menos do que nunca, ela será capaz de fazê-lo, voltando-se para si mesma. Somente se ela se vê como parte integrante das ciências sociais e se abre para suas fronteiras, somente se conseguir retomar o diálogo com a teoria crítica e os *Estudos*, assim como com a filosofia e o ensaísmo, será, como disse Mannheim (1995, p. 77), "à altura da tarefa". Além disso, não importa se esta reflexão sobre a ontologia do presente é feita por sociólogos, antropólogos, políticos, economistas ou filósofos; também não importa se ela é feita pela ciência ou pelo jornalismo de alto nível. Para acompanhar os acontecimentos atuais, devemos nos esforçar ao máximo para estarmos a par das notícias.

Ontologia do Tempo Presente

Dadas as ofensivas da direita contra o "marxismo cultural" em geral e a sociologia em particular, não quero anunciar o fim da sociologia (VANDENBERGHE e FUCHS, 2019), mas sim redefinir seus fins e tarefas nestes tempos de transição: reconstruir as ciências sociais para reconstruir sociedades.⁶ Para lançar o debate, proponho a noção de ontologia do presente e a concebo como um sucessor (*Aufhebung*) para a sociologia da modernidade tardia. Falo da ontologia do presente não por presunção, mas simplesmente para indicar com Hegel a necessidade imperativa de uma reflexão coletiva, interdisciplinar e sem limites, que tenta "agarrar o tempo em pensamento".

⁶ De volta ao Rio de Janeiro depois de participar da Conferência Mundial de Sociologia em Toronto em 2018, desfrutei de uma análise *pós-festum* de sociologia com Stephan Fuchs. Após o fim da metafísica, da arte, da história, da perícia, do jornalismo, da estatística e das abelhas, não havia motivo para isentar a sociologia. Mas isso foi antes de Bolsonaro lançar sua ofensiva contra a civilização e a sociologia.

Isto não é fácil de fazer quando a história está em tumulto e ninguém sabe o que o futuro trará.

Estamos diante de um "problema Minerva": enquanto estivermos presos ao turbilhão do presente, não podemos interpretá-lo. Com a pandemia, estamos finalmente saindo do século XX. Sabemos que uma era acaba de terminar. Com o retorno bastante repentino da história, o pensamento epocal também está atingindo seus limites (FOUCAULT, 1984a). Poder-se-ia até pensar que qualquer sociologia do futuro será necessariamente orientada por eventos, o que não a impedirá de analisar tendências históricas, propor conceitos dinâmicos ou projetar o presente em mudanças sociais futuras (SAVAGE, 2009).

A sociologia deve acompanhar os eventos locais que atingem diretamente a estrutura e têm significado sistêmico. O problema da ordem social - "Como a sociedade é possível?" (SIMMEL, 1992) ou, igualmente Kantian: "Quais são as condições de possibilidade para uma ordem social relativamente estável?" não está mais na agenda. A questão agora não é tanto "o que mantém a sociedade em movimento", mas "o que a quebra". Passamos do problema da integração para o da desintegração social com seu espetáculo de insegurança econômica, polarização política, fragmentação cultural, anomia normativa e violência física. Talvez seja simplesmente necessário reverter o pensamento e partir da hipótese de um caos original que se espalha pelo mundo com bolsões onipresentes de ordem relativa em um oceano de contingências.

Da mesma forma, a problemática escolar e escolar de *agência e estrutura* dá lugar à questão prática da relação entre o evento, a situação e a estrutura (VANDENBERGHE, 2020). Os eventos atuais que abalam a estrutura afetam nossas capacidades interpretativas. Todos os cenários devem ser continuamente revisados e revisados. No entanto, para nos orientarmos, devemos antecipar o futuro e especular sobre a próxima era. Tanto mais que nossas interpretações da sociedade podem contribuir para sua configuração.

Pode parecer contra-intuitivo invocar a ontologia do presente para indicar a instabilidade e a não-permanência do mundo. Não seria a ontologia

o estudo do ser (*das Sein*) em vez do ser (*das Seiende*) ou das cúpulas que cairiam sob o onticismo? Sobre este ponto, português e espanhol são mais instrutivos do que o alemão de Heidegger. As línguas latinas têm dois verbos para designar duas modalidades de ser: *ser*, que se refere ao que é permanente e intransitivo, e *estar*, que se refere ao que é transitório, fugitivo e transitivo. A ontologia do tempo presente, como eu a entendo com Foucault, é uma ontologia de *estar*, de estados de coisas que estão em movimento, que estão além de nosso controle e que caem sobre nós (CANHA, 2020). No Sul Global, a diferença ontológica é uma diferença situacional e existencial. O estado do mundo nunca é completamente estável. A crise não é a exceção, mas a regra. A sociedade não é uma coisa, mas uma correlação instável de forças em movimento. As instituições não são seres, mas processos dinâmicos em um processo contínuo de reconstrução e destruição. Os atores sabem que nada é estável e que é preciso se adaptar e inventar continuamente para não afundar.

Mas se tomo a liberdade de falar, seguindo Foucault (1984b), da ontologia do presente como uma reflexão sobre nosso "modo de ser histórico" - entendendo "o que nos tornamos" e o que poderíamos ter sido ou poderíamos ter sido - é para nos lembrar que, no final, são de fato os atores sociais que fazem história, mesmo que não a façam nas circunstâncias que escolheram e mesmo que ela inevitavelmente lhes escape. Precisamos de um pouco de otimismo para pensar que sob os escombros há forças vivas apenas esperando para colocar a história de volta nos trilhos.

Sociologia, do começo ao fim

Com o surgimento das disciplinas no século XIX, a divisão do trabalho começou a pensar. Enquanto a história continua a lidar com o passado sem fragmentar, a antropologia e a sociologia dividem o tempo da mesma forma que as potências coloniais dividem o espaço (CONNELL, 2007). A antropologia tratará de povos sem história nas colônias, enquanto a sociologia pensará nas sociedades modernas da metrópole. Como uma "auto-descrição" (LUHMANN, 1994, vol. II, cap. 5) reflexiva das sociedades modernas, a sociologia é coextensiva com a modernidade. A reflexividade do discurso sociológico da modernidade vem do fato de que este discurso, que substitui o discurso

filosófico da modernidade, é em si mesmo moderno, inclusive em sua crítica da modernidade.⁷

A sociologia nasce com a modernidade e podemos supor que ela desaparecerá com ela. Ela traz as marcas de suas origens nas sociedades europeias abaladas pelas revoluções religiosas (Alemanha), políticas (França) e industriais (Inglaterra). Embora a primeira modernidade se tenha desenvolvido na Península Ibérica com a abertura do Atlântico e a descoberta do Novo Mundo (DUSSEL, 1993), a sociologia não nasceu no século XVI no sul da Europa, mas no século XIX no norte da Europa.

No futuro da sociologia, podemos distinguir pelo menos cinco gerações que se sucedem e que estão cada uma profundamente marcada pelos eventos significativos de seu tempo: i) os precursores (Conde, Marx e Spencer) que se posicionaram em relação às revoluções de 1789 e 1848; ii) os clássicos (Marx, Weber, Durkheim) do final do século confrontados com a Primeira Guerra Mundial; iii) os sucessores (Mauss, Parsons, Mannheim) que viveram o período entre as guerras, a ascensão do totalitarismo e o retorno à democracia na Europa; iv) os contemporâneos (Bourdieu, Habermas, Giddens, Luhmann) da revolução mundial de 68 e depois nós, os pós-modernos que agora estão emergindo do século XX.

(i) A sociologia nascente é ao mesmo tempo herdeira do idealismo alemão, do socialismo utópico francês e da economia política. Se não nos restringirmos aos pais fundadores da sociologia, que não foram sociólogos e foram "disciplinados" após o fato, mas considerarmos seus precursores imediatos (Conde, Spencer e Marx, este último pode ser considerado tanto um precursor da sociologia quanto o primeiro de seus clássicos), é imediatamente aparente que a sociologia continua a filosofia da história por outros meios, em uma etnografia especulativa em larga escala que ordena todas as sociedades em uma linha de desenvolvimento temporal que é ao mesmo tempo empírica e normativa, descritiva e exortadora, científica e política.

⁷ Normativamente, a sociologia pressupõe e persegue o projeto filosófico do Iluminismo com suas noções entrelaçadas de autonomia e autenticidade, justiça e progresso. Se ocasionalmente introduz desconfiança no discurso filosófico da modernidade, ele o faz para melhor cumprir suas promessas. Concebido desde o início como um projeto normativo e político, sua crítica da sociedade é, portanto, necessariamente uma crítica imanente, o que não impede que os filósofos fundem princípios normativos na razão e lhes dêem uma justificação transcendental.

As primeiras sociologias não ofereciam apenas auto-descrições de sociedades em transformação. Ao mesmo tempo, eles foram concebidos como esboços de uma transformação social controlada. Para Auguste Comte, a sociologia não era apenas uma nova ciência e uma nova síntese. Concebida como uma forma ativa de "sociolatria", estabelecendo o culto da sociedade, ela se anunciou e foi concebida como uma religião secular da Humanidade. Para Marx, que desde o início associou a sociologia ao conservadorismo do Conde, a crítica à economia política também foi concebida como um órgão e instrumento de revolução. O liberalismo de Spencer não é menos radical. O viés liberal, próximo ao libertário moderno, vincula seu individualismo metodológico com seu antiestatismo visceral em uma visão evolutiva de diferenciação social que move as sociedades de uma organização hierárquica e autoritária (militarismo) para uma organização horizontal de interdependência (comercialismo).

(ii) Os clássicos da sociologia são mais científicos do que ideológicos, mais analíticos do que sintéticos ou dialéticos. Ao contrário de seus precursores, eles não desenvolvem sistemas de pensamento - o "sistema de filosofia positiva" do Conde, a "filosofia sintética" de Spencer, o "materialismo dialético" de Marx - que abrange tanto as ciências naturais quanto as ciências humanas. Mais modestamente, eles se esforçam para basear sua sociologia em fundamentos científicos e transformar sua visão filosófica do mundo e da ciência (Hegel para Marx, Kant para Durkheim e Nietzsche para Weber) em um programa de pesquisa sobre ação social, ordem e mudança. Embora nem sempre seja fácil desembaraçar os fundamentos filosóficos (metatheoria) e elaborações conceituais (teoria social) que organizam suas respectivas pesquisas sobre capitalismo (Marx), industrialismo (Durkheim), racionalismo (Weber) e individualismo (Simmel), chega-se rapidamente ao cerne de sua visão de modernidade ao analisar seu diagnóstico do presente. A análise das patologias sociais é, de fato, uma poderosa revelação de seus compromissos. Seja a perda de liberdade (alienação), a perda de solidariedade (anomia) ou a perda de sentido (desencanto com o mundo), é claro que a objetivação de sua própria sociedade já está sempre permeada por princípios normativos e preocupações existenciais.

iii) Os sucessores dos clássicos na França, Alemanha e Estados Unidos experimentaram tanto o aumento do totalitarismo durante o período entre as duas guerras quanto a entrada na "modernidade organizada" no período pós-guerra. A síntese aberta de um Karl Mannheim que incorporou não apenas os clássicos da sociologia, mas também todas as correntes filosóficas (marxismo, historicismo, pragmatismo, fenomenologia, psicanálise) em sua sociologia da cultura, do conhecimento e da educação, é confrontada pela síntese fechada da sociologia funcionalista americana de Talcott Parsons. Se este último tenta captar uma totalidade dinâmica sem garantias metafísicas, este último é tanto a expressão quanto o agente da ordem social positivista pós-guerra, fordista e keynesiana. De acordo com o espírito tecnocrático da época, o desejo de fazer ciência e de fabricar a sociedade industrial-capitalista como uma sociedade bem integrada que produz cidadãos bem socializados leva a uma teoria de ação que funciona ao mesmo tempo em que um plano de ação para as autoridades.

A Escola de Frankfurt desafiou e criticou a hegemonia de Parsons, Merton e Lazarsfeld, especialmente quando ela estava no exílio em Nova York. Apesar de sua invocação da dialética, ela mantém o funcionalismo e o positivismo em sua análise, mas não em seu julgamento. A visão de uma sociedade bem integrada torna-se um sintoma de domínio não envernizado e inquebrantável. A sociedade tornou-se de fato um sistema, e o positivismo o registra fielmente - fielmente, mas de forma cúmplice, sem contestá-lo ou condená-lo.

iv) Com a mudança das estruturas de sensibilidade da juventude, a sociologia estabelecida foi desafiada nos anos 60, tanto nos Estados Unidos como na Europa. Por um lado, a contracultura americana com seus *acontecimentos* encontra sua expressão em uma micro-sociologia (como a de Goffman, Garfinkel e Sacks) que mostra e afirma como os próprios atores produzem a sociedade; por outro lado, os "rabiders" montam barricadas nas ruas e se inspiram no marxismo e no anarquismo para atacar a sociologia dominante. As duas correntes são encontradas e expressas na sociologia reflexiva de Alvin Gouldner (1970), que anuncia a crise da sociologia dominante e antecipa a do marxismo soviético. Aqueles que amaram tanto a

revolução tentaram compensar os fins que o protesto havia apresentado contra a sociologia estabelecida: a criatividade dos atores e a dominação do sistema. Todas as grandes sínteses teóricas que ainda nos inspiram, sejam as de Bourdieu, Touraine ou Morin na França, Habermas e Luhmann na Alemanha ou Giddens, Alexander e Randall Collins no mundo anglo-saxão, incorporaram bem a sociologia da ação em uma sociologia geral e histórica do conflito.

A sociologia teve seu apogeu durante os Trinta Anos Gloriosos (STEINMETZ, 2005, p. 1-56). Sem dúvida porque, embora incorporando o espírito de contestação e a exigência de inclusão, é uma disciplina que não só descreve, interpreta e explica o mundo a partir de uma perspectiva normativa liberal-comunitária e social-democrática, mas também contribui para sua realização, especialmente porque a maioria dos sociólogos trabalha para o Estado nas universidades e repartições governamentais.⁸

Como François Dubet (2020 - nesta edição do RDM) tem bem registrado, este mundo entrou inevitavelmente em declínio. Com a passagem do fordismo ao pós-fordismo, do keynesianismo ao neoliberalismo, do modernismo ao pós-modernismo, a sociedade que a sociologia pressupôs tanto como sua fundação quase transcendental quanto como seu objeto de investigação empírica se tornou individualizada e fragmentada. O que resta da sociedade é a nostalgia de uma sociedade integrada, com seu aninhamento de uma economia, uma cultura, uma nação e soberania política em um sistema de ação.

Congelada no tempo, a sociologia de Bourdieu é tanto a realização mais realizada da sociologia da sociedade quanto a expressão mais clara de suas limitações conceituais. Assim como a teoria da ação comunicativa de Habermas é o auge da sociologia dos novos movimentos sociais, é também a que melhor registra as promessas da social-democracia. Como distopias conceituais (Bourdieu) ou utopias (Habermas) de uma era passada, as

⁸ O fato de que os filósofos se opõem aos liberais aos comunitários e a redistribuição ao reconhecimento não deve nos fazer perder de vista que a autonomia do indivíduo e a auto-realização do coletivo constituem a base normativa comum de todas as sociologias. Sob todas as divisões em correntes intelectuais e escolas acadêmicas que atravessam as sociologias, existe de fato uma unidade ideológica e normativa.

sociologias do pós-guerra funcionam como tipos ideais Weberianos - desviando-se do modelo, a sociologia de nossos contemporâneos nos permite compreender que nosso mundo não é mais o deles.

Estudos - outro ponto de inflexão?

Nós, pós-modernistas, não nos tornamos pós-modernistas por vocação, mas por necessidade. É por termos entrado subitamente em uma nova era que viemos a aceitar o(s) pós-modernismo(s) e o(s) pós-estruturalismo(s) dos anos sessenta. Ainda que possamos nos opor à *Teoria Francesa de Foucault*, Derrida, Deleuze e ainda mais aos *Estudos* que foram inspirados por eles, deve-se dizer que com sua juventude insolente conseguiram capturar melhor o ar da época do que a sociologia com a qual, no entanto, compartilham uma certa sensibilidade à dominação, à exclusão e à discriminação. Pois, de fato, embora eles mesmos sejam sintomas da crise, os *estudos* conseguiram introduzir a crise na filosofia, na antropologia e nas humanidades. Onde a sociologia procurava a sociedade, eles estavam diretamente ligados aos novos movimentos sociais e analisavam a produção de cultura e identidades a partir da perspectiva do binômio poder e emancipação. Ao fazer isso, forçaram as disciplinas a se abrirem aos acontecimentos atuais e a renovar as críticas.

Ao minar os fundamentos epistêmicos das disciplinas, mostrando sua cumplicidade com a dominação, acompanhando os novos desenvolvimentos tecnológicos, abordando diretamente os problemas sociais e falando em nome das minorias ativas, as novas humanidades conseguiram substituir a teoria crítica em sua reflexão sobre a ontologia do presente. Ao desconstruir todos os conceitos fundamentais das antigas disciplinas - a Razão da Filosofia, a cultura da antropologia, o texto da literatura comparada, a sociedade dos sociólogos - as indisciplinas introduziram a pluralidade, a fratura e a disjunção na discussão e colocaram o pensamento sob tensão.

Tematicamente, os *estudos* entraram nos campos da filosofia (crítica da razão), antropologia (análise das culturas e comunidades) e sociologia (análise das sociedades de classe e de massa), mas o fizeram a partir das humanidades. Ao alargar o espectro da análise cultural além da classe para

além da raça e gênero, com uma sensibilidade pós-estruturalista, e ao generalizar a crítica marxista a todas as formas de dominação, eles invadiram os campos da sociologia, mas sem passar por isso. O resultado é o surgimento das in(ter)disciplinas de *Estudos* com seus próprios autores e seus próprios periódicos que geralmente escapam aos olhos do sociólogo. Basta olhar para as novas revistas e bibliografias de estudos culturais, feministas e pós-coloniais para perceber que elas não precisam de sociologia para falar de questões sociais e societais. Eles citam Foucault e Deleuze, Irigaray e Haraway, Saïd e Bhabha.

Por que os sociólogos devem acompanhar os debates sobre gênero, raça, sexo, casta, colonialismo, etc.? Porque os estudantes o exigem e os ativistas o exigem? Sim, é uma boa razão, especialmente quando se está à esquerda e se identifica com a parte crítica e cívica da sociologia. E para responder satisfatoriamente a esta pergunta, devemos também reverter a pergunta e explicar a eles porque *os estudos* precisam passar pela sociologia e não pela filosofia, antropologia ou literatura comparativa. Uma vez concluída a desconstrução dos conceitos de sociologia e demonstrados seus euro- e androcentrismos, é necessário passar à análise da situação objetiva, das interações situadas e das experiências subjetivas com conceitos e ferramentas que tenham se mostrado em outros campos. Na ausência de outra ciência e outra sociologia, é necessário reconstruí-la a partir de dentro, fazendo com que seus conceitos herdados e métodos comprovados trabalhem em novas realidades. Assim, por exemplo, o feminismo ganha se conseguir introduzir a questão da ação em uma análise que privilegia sistematicamente práticas discursivas, ou se estudar o papel das interações situadas na fabricação e no desempenho das identidades. Da mesma forma, para analisar como funciona o colonialismo, o pós-colonialismo pode recorrer à sociologia relacional para mostrar como as assimetrias estruturais entre a metrópole e os chamados territórios ultramarinos têm repercussões concretas nas interações entre os colonos e os ex-colonizados na França.

Aqui, como em qualquer outro lugar, existe apenas uma solução: ouvir, aprender, ler e ensinar. Você não pode ler tudo, mas também não pode se fechar de tudo e se limitar a sua própria disciplina, afirmando que é ativismo

e não ciência. Então de onde vem esse medo dos *estudos*? Por que essa rejeição violenta e todas essas diatribes contra o feminismo, o anti-racismo e o pós-colonialismo? Será que realmente não aprendemos nada (ou nada a tirar) com Stuart Hall, Judith Butler ou Achille Mbembe?

Take *Brutalism*, o último livro do filósofo camaronês Achille Mbembe (2020). Nele ele propõe uma teoria de reificação, demolição e carbonização do corpo humano através de uma convergência do raciocínio instrumental e utilitário das tecnologias governamentais neoliberais, o raciocínio eletrônico e digital do capitalismo da informação e o raciocínio biológico e neurológico da biotecnologia em uma *matemática universalis* que apaga a distinção ontológica entre o vivo e as máquinas, o humano e as coisas. Para apoiar sua tese sobre o futuro artificial da humanidade na nova era de brutalismo que ele analisa a partir da África, ele discute drones, bombas, campos de refugiados, mineração, biotecnologia, governabilidade, animismo e máscaras africanas com uma bibliografia perfeitamente atualizada sobre capitalismo, antropoceno, populismo, fluxos migratórios, tortura, grandes dados, etc. provenientes de uma multiplicidade de disciplinas (filosofia, sociologia, antropologia, geografia, direito, literatura) e campos híbridos (tecnologia e literatura, agnotologia e algoritmos, arquitetura e arquivos).

E então, dentro da proliferação de *estudos* interdisciplinares, transversalmente, houve uma sucessão de "pontos de inflexão" antiparadigmáticos (BACHMANN-MEDICK, 2016). Se os *estudos* buscam ir além da camisa de força das disciplinas, os pontos de inflexão seguem uma lógica artística - é necessário ser absolutamente moderno, inovar e introduzir cada vez uma nova revolução nas ciências que capte a atenção e radicalize o ponto de inflexão anterior. Em geral, o ponto de virada toma um tema (língua, cultura, prática, afeto, etc.) e o transforma em uma perspectiva que transforma e transfigura a realidade. Desde o anúncio de Richard Rorty do ponto de virada lingüística em 1969, cerca de sessenta pontos de virada foram proclamados. Podemos distinguir quatro "momentos" e tantos "movimentos intelectuais" que tentaram desarticular e revolucionar a filosofia, a antropologia e as ciências humanas: os pontos de virada lingüísticos e culturais (1960-70), os pontos de virada pós-modernos e pós-estruturalistas

(1970-80), os pontos de virada globais e pós-coloniais (1990-2000) e, finalmente, os pontos de virada práticos, ontológicos e especulativos (2000-2020).

Como no caso dos *Estudos*, seria tão errado ignorá-los quanto segui-los a todos. A deriva não é desinteressante. Tomemos como exemplo a reviravolta emocional (VANDENBERGHE, 2017). Depois da virada praxeológica, a virada afetiva se opõe do movimento pós-estruturalista ao construtivismo dos estudos culturais (todas as tendências incluídas) e rejeita todas as formas de representação. Ao contrário das emoções que, como sabemos, são culturalmente construídas, os efeitos são viscerais, infinitesimais e moleculares. São sensações e pulsações vitais que passam através do corpo, mas escapam da consciência. Como fluxos, os efeitos são infracolletivos, íntimos e transpessoais. Como os vírus, eles são contagiosos, passam de um organismo para outro e, como o medo e a excitação, os afetam coletivamente. Assim, com seu vitalismo, seu panpsicismo e seu animismo, a volta afetiva une a sensibilidade das novas antropologias com sua metafísica descritiva (Latour, Descola, Viveiros de Castro etc.).

Embora a antropologia tenha sido duramente atingida pela crítica colonial e pós-colonial e tenha surgido renovada e com novos recursos (COMAROFF, 2010), com novos campos para arrancar (AGIER, 2013), a sociologia não passou por nenhuma crise notável desde os anos 70. É claro que conheceu e ainda conhece suas guerras de capela, e por pouco tempo teve algumas dúvidas sobre seu "nacionalismo metodológico", mas de outra forma continuou a se profissionalizar enquanto se posicionava mais claramente à esquerda, não apenas sobre questões de classe, gênero e raça, mas também sobre outros temas como a definição de populismo, proteções sociais, direitos dos animais, novas formas de família, violência policial, etc. (AGIER, 2013). (DURAND, 2019). Hoje, a crise também afeta a sociologia; entretanto, não é endógena. É porque as próprias sociedades saíram dos trilhos e entraram em crise que a sociologia, também, está em pânico. As convulsões dos últimos anos têm sido tão radicais que é seu próprio substrato que está se descuidando. A sociedade está tão mal e as mudanças sociais são tão rápidas

que a sociologia é dominada pelos eventos atuais e luta para compreender o presente com seus conceitos do passado recente.

A segunda pós-modernidade

É verdade que já nos anos 80, os sociólogos haviam tomado a medida das transformações estruturais, culturais e tecnológicas de suas sociedades. Eles estavam bem conscientes de que suas teorias dos anos 60 já não refletiam adequadamente as sociedades do final do século. Em resposta às teorias da pós-modernidade, eles pediram o desenvolvimento de uma teoria sociológica de "modernidade tardia" que analisasse de forma mais sóbria os efeitos das mudanças culturais, estruturais e sociais ocorridas após 1968, que haviam levado as sociedades ocidentais a uma nova fase de modernidade, se não mesmo um novo tipo de civilização (BONNY, 2004). A distinção entre duas fases da modernidade, inicialmente encontrada em Touraine ("sociedade pós-industrial"), Beck ("segunda modernidade"), Giddens ("modernidade tardia") e Bauman ("modernidade líquida"), e depois retomada e transformada por Peter Wagner (1994) e Luc Boltanski (BOLTANSKI E CHIAPELLO, 1999) em um esquema trifásico, toma nota de uma cesura. Com a crise de 1973, a conjunção do fordismo e do keynesianismo foi desfeita. Os Trinta Gloriosos terminaram e o Estado começa a se retrair em favor dos mercados. As novas tecnologias de informação e comunicação fazem sua aparição. A partir de agora, as economias serão sociedades liberais, pós-industriais, culturas pós-modernas e sujeitos individualizados.

Nos anos 90, após a queda do Muro de Berlim e a ascensão dos países emergentes (os Brics), o grande debate sobre pós-modernismo e pós-modernidade foi transmitido por outro sobre a globalização (HELD et al., 1999). Enquanto o debate se concentrava inicialmente na economia (desregulamentação dos mercados, empresas transnacionais), política (o declínio do Estado) e tecnologia (tecnologia da informação), rapidamente abrangeu todas as dimensões da existência (lei, cultura, identidade, subjetividade) e questionou o eurocentrismo e o evolucionismo das teorias herdadas. A Sociologia é agora apenas uma disciplina e um departamento entre outros, e os *Estudos Globais* estão surgindo como um campo de estudo

especializado com suas próprias bibliografias constantemente atualizadas⁹. Para compreender o estado do mundo, não basta descentralizar e desprovincializar, é preciso também ser autodisciplinado e abrir todas as janelas disciplinares ao mesmo tempo. Além disso, no Sul global, não se trata tanto de "desprovincializar" as teorias metropolitanas euro-americanas, mas de "reprovincializá-las", o que, neste caso, significa testá-las em terrenos que não puderam prever, confrontando-as com mundos vividos que revelam seus limites e tornando-as disjuntas a fim de reterritorializá-las. No pós-colonial, o sociólogo é, por necessidade, também um antropólogo.

As críticas à globalização e a invocação de uma sociedade civil global contra o domínio dos mercados sobre os Estados sugeriam que um outro mundo era possível. Era a época do Fórum Social Mundial, do movimento anti-globalização e de um cosmopolitismo renovado. Então, de repente, em 2001, com o espetacular ataque da Al Qaeda em Nova York, o mundo caiu na violência. O Oriente Médio (Iraque, Síria, Líbia, Iêmen) foi incendiado como os Bálcãs haviam sido em tempos, e parece que estamos testemunhando o início de uma guerra civil global. Em 2008, a crise *do subprime* expôs a fragilidade da economia mundial. O neoliberalismo é ideologicamente deslegitimado, mas ao impor uma política de austeridade, ele se torna ainda mais operacional. A eleição de Trump em 2016 vem como um meteoro que desestabiliza o curso do mundo. O nacional-populismo está em ascensão e a extrema-direita está gradualmente se estabelecendo em todos os continentes. Ao mesmo tempo, a urgência de uma transição ecológica é imposta a todos. O antropoceno está nos esperando. A pandemia de 2020 é um momento de reflexão, talvez de inflexão, que anuncia tempos novos, mais sóbrios e mais escuros.

Nossas grandes teorias sobre modernidade tardia, pós-fordismo e pós-industrialismo só são válidas até 2000, no máximo até 2007. Não que sejam falsas, mas as análises de Wallerstein, Habermas, Giddens, Beck, Castells, Boltanski e da empresa precisam ser atualizadas, se não completamente

⁹ Os *Estudos Globais* não fazem parte dos *Estudos Culturais*, embora pesquisas sobre pop e pós-cultura em diferentes partes do mundo possam ser incluídas. Os *Estudos Globais* se concentram na "governança mundial" em nível transnacional e está na interseção das relações internacionais, economia política internacional, direito internacional e estudos culturais. Os *Estudos Críticos Globais* tratam das mesmas questões, mas de uma perspectiva do Terceiro Mundo que explora as contradições do capitalismo global e as alternativas que vêm do Sul.

reformuladas. Para aguçar o pensamento, proponho chamar a era atual de uma "segunda pós-modernidade". Ela emerge nas ruínas da primeira pós-modernidade. Esta última foi caracterizada pelo questionamento radical da *cultura da modernidade*. Agora são as *estruturas do sistema* que estão em colapso em tempo real. Desiludidos com os acontecimentos, estamos desorientados e avançamos no nevoeiro.

Há cerca de 30 anos, em um relatório notável ao governo do Quebec, François Lyotard proclamou o advento de uma condição pós-moderna. Apontando para o fracasso das filosofias totalizantes da história que prometiam emancipação, ele definiu a nova época em termos culturais: "Simplificando ao extremo, toma-se como pós-moderna a descrença nas grandes narrativas" (LYOTARD, 1979, p. 7). Pode parecer irônico que o debate histórico sobre o pós-ismo nos anos 80 tenha sido substituído nos anos 90 por uma narrativa ainda mais ampla sobre a globalização. Enquanto o pós-modernismo se refere à "lógica cultural" das sociedades industrial-capitalistas avançadas, a globalização enfatiza a "lógica estrutural" da expansão do capitalismo pós-industrial em todo o mundo.

Com uma visão a posteriori, podemos entender hoje que o pós-modernismo foi um canto do cisne do Ocidente e que a ruptura do código cultural da modernidade foi apenas a fase inicial de um processo prolongado de mudança sistêmica global. Desta vez, a mudança é "real". Não é apenas a cultura da modernidade que está se fragmentando e difraindo. A segunda pós-modernidade significa que as próprias estruturas do sistema mundial estão sendo desfeitas em tempo real. O caos pode se espalhar do centro para a periferia do sistema mundial, reorganizando a geopolítica e espalhando-se dos subsistemas econômicos e políticos para todas as esferas da vida pessoal, social e cultural. "O velho está morrendo, o novo não pode nascer: durante este interregno são observados os mais variados fenômenos mórbidos" (GRAMSCI, 1996, p. 283).

A esta conhecida citação de Gramsci, podemos acrescentar outra igualmente clássica a respeito da necessidade de combinar "o pessimismo do intelecto com o otimismo da vontade" (o lema da revista *Ordine Nuovo* ecoa o lema mais romântico e místico de Romain Rolland, a quem Gramsci o

emprestou). Entende-se que é necessário manter o otimismo do intelecto enquanto se evita o pessimismo da vontade. Este é todo o projeto dos convivialistas e outras iniciativas vindas da sociedade civil que querem mobilizar as paixões alegres para atravessar os tempos sombrios que nos esperam. Na verdade, um diagnóstico lúcido da ontologia do presente só pode ser feito se nos permitirmos pensar "sem esperança" e agir "com amor". É porque sabemos que existe uma solução local que podemos enfrentar a situação global, que não tem uma solução. Como Latour (2015, p. 22) diz sobre a crise ecológica, "não estamos em crise". Não vai 'passar'. Vamos ter que nos acostumar a isso. É definitivo.

Para pensar na ontologia do presente, deve-se tentar construir um sistema de conceitos relativamente estáveis e interconectados que vêm de diferentes disciplinas (e diferentes departamentos) que, cada um à sua maneira, tematize uma questão crítica atual em um nível de generalidade que transcenda as discussões mais especializadas da economia política, da ciência política e da ecologia. Os conceitos escolhidos são neoliberalismo, populismo e antropoceno¹⁰. Estas não são realmente conceitos ou categorias analíticas, mas sim noções elásticas politicamente carregadas e expressivamente coloridas sobre as quais nós intelectuais de esquerda projetamos, como em um teste de Rorschach, nossas ansiedades e fantasias. Como as representações simbólicas e as formas de classificação de Durkheim e Mauss, estas noções são acusadas de afetar, reunindo aqueles que as utilizam em uma comunidade relativamente unificada de pensamento e valores que se opõe de frente àqueles que poluem e profanam a verdade e a moralidade. Somente quando as verdades e os valores que consideramos sagrados são profanados é que percebemos o quanto os consideramos sagrados. Esta observação se aplica não apenas à herança axiológica do século XIX (liberdade e igualdade) que a sociologia representa, mas também à herança do século XX

¹⁰ Eles não são conceitos, mas pastas nas quais uma grande quantidade de textos sobre as principais questões atuais são organizados para orientar a discussão. A abordagem deve ser ampliada para incluir a geopolítica, as relações internacionais e as novas tecnologias de guerra, as novas tecnologias de informação e comunicação do capitalismo digital e a psicologia política da nova "personalidade autoritária".

(diferença e reconhecimento) que os *Estudos* defendem contra aqueles que querem colocar mulheres, gays e transgêneros, negros e beurs em seu lugar.

Precisamos reunir os três conceitos e explorar como as permutações podem variar e formar um sistema. O desafio do exercício é duplo: por um lado, explorar as questões da "grande transformação" para o neoliberalismo (POLANYI, 1957), a "grande regressão" política do populismo (GEISELBERGER, 2017) e a "grande aceleração" ecológica do Antropoceno (Steffen et al., 2015) e, por outro lado, analisar suas inter-relações que, inicialmente, são contingentes, mas que acabaram convergindo para formar uma síndrome. Devemos, portanto, tomá-los juntos sem reducionismo e sem nos darmos as facilidades de um marxismo que resolve a equação (neoliberalismo-capitalocena-fascismo), mas não se questiona. O neoliberalismo e o populismo estão interligados. O liberalismo antidemocrático dos mercados provoca a rejeição da globalização e a aderência à democracia iliberal. Juntos, os mercados e os populistas que se opõem a eles reforçam as tendências entrópicas que levam ao desastre ecológico, o primeiro estimulando o crescimento, o consumo e as viagens internacionais; o segundo negando o problema e apoiando a indústria pesada num momento em que a poluição química está destruindo seu habitat imediato (subsistência do solo, vazamentos de metano, etc.), como Arlie Hochschild (2016) demonstra com grande compaixão em suas entrevistas com os americanos na Louisiana que votaram esmagadoramente a favor do Trump.

Há três séculos tentamos resolver a equação com dois termos: capitalismo e democracia. Sabemos que existe uma tensão, se não uma verdadeira contradição, entre os dois. A ligação histórica entre democracia e capitalismo é contingente. Foi amarrado e desamarrado em várias ocasiões. Agora, como fez no período entre guerras, está se desdobrando novamente, sem dúvida pelas mesmas razões que Polanyi indicou em sua análise do colapso da civilização do século XIX. Parece que o capitalismo pode passar sem democracia, assim como a democracia pode passar sem liberalismo. A boa notícia é que, oficialmente, ainda estamos no Holocénico. Mas o tema Antropoceno indica que de agora em diante não haverá mais dois termos, mas três: capitalismo, democracia e sustentabilidade (JAŘZ, 2020). Gostaríamos de

acreditar, novamente com Marx, que a humanidade só se coloca a si mesma os problemas que pode resolver, mas quando é a própria humanidade que coloca o problema, é preciso voltar às raízes. A raiz é o próprio homem. Para não voltar ao Antropoceno, mas para abrir o caminho para o que Bernard Stiegler chamou de "Neganthropoceno" (2016, p. 434), entendido como um sonho noveótico de uma organização psico-social que enfrenta a entropia, é necessário renovar o humanismo e ao mesmo tempo reconstruir as ciências sociais, as sociedades e as tecnologias.

Referências:

- AGIER, M. (2013): "Le tournant contemporain de l'anthropologie", **Socio**, 1, pp. 77-93.
- BACHMANN-MEDICK, B. (2016): **Mudanças Culturais**. Novas Orientações no Estudo da Cultura. Berlim: De Gruyter.
- BOLTANSKI, L. e CHIAPELLO, E. (1999): **The New Spirit of Capitalism**. Paris: Gallimard.
- BONNY, Y. (2004): **Sociology of the Present Time (Sociologia do Tempo Presente)**. Modernidade avançada ou pós-modernidade? Paris: A. Colin.
- BOURDIEU, P. (2002): "Pour un savoir engagé", **Le Monde diplomatique**, No. 575, fevereiro, p. 3.
- BURAWOY, M. (2005): "For Public Sociology", **American Sociological Review**, 70, 1, pp. 4-28.
- CAILLÉ, F. et VANDENBERGHE, F., eds., (2021): **Para uma Nova Sociologia clássica**. Uma Proposta, seguida de um Debate. Londres/Delhi: Routledge.
- CANHA, A. (2020): "Girassol à meia-noite", **Insight/Inteligência**, no. 89.
- COMAROFF, J. (2010): "The End of Anthropology, Again: On the Future of an In/Discipline", **American Anthropologist**, 12, 4, pp. 524-538.
- CONNELL, R. (2007): **Teoria do Sul**. The Global Dynamics of Knowledge in Social Science (A Dinâmica Global do Conhecimento em Ciências Sociais). Cambridge: Polity.
- DJAIZ, D. (2020): "Capitalismo, sustentabilidade da democracia: A equação impossível?" **Le Débat**, no. 209/2, pp. 143-154.
- DUBET, F. (2020): "Le retour de la société", **Revue du MAUSS**, no. 56.

DURAND, J.-M. (2019): **Homo intellectus**. Uma investigação (hexagonal) de uma espécie em processo de reinvenção. Paris: La Découverte.

DUSSEL, E. (1993): "Europa, modernidad y eurocentrismo", pp. 41-53 em Lander, E. (ed.): **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso.

FOUCAULT, M. (1984a): "O que é o Iluminismo?" in **Dits et Ecrits** Tome IV (texto n° 339), pp. 562-578. Paris: Gallimard.

FOUCAULT, M. (1984b): "O que é o Iluminismo?" in **Dits et Ecrits** Tome IV (texto n° 351), pp. 679-688. Paris: Gallimard.

FOUCAULT, M. (1994): **Naissance de la biopolitique**. Paris: EHESS/Gallimard/Seuil.

FREITAG, M. (2011-2013): **Dialética e Sociedade**, 3 vols. Montreal: Éditions Liber.

GAUCHET, M. (2014): "Filosofia na França hoje". Entrevista com Didier Mineur", **Cités**, no. 58, pp. 197-3204.

GEISELBERGER, H. (2017): **A Grande Regressão**. Um debate internacional sobre a situação intelectual da época. Berlim : Suhrkamp.

GOULDNER, A. (1970): **The Coming Crisis of Western Sociology**. Nova York: Os livros básicos.

GRAMSCI, A. (1971): **Selections from the Prison Notebooks**. Nova York: Editoras Internacionais.

HELD, D. et al., (1999): **Global Transformations. Política, Economia e Cultura**. Cambridge: Polity Press.

HOCHCHILD, A. (2016): **Estranhos em suas próprias terras**. Nova York: New Press.

LAHIRE, B. (2002): "Utility. Entre sociologie expérimentale et sociologie sociale", pp. 43-66 em Lahire, B. (ed.): **À quoi sert la sociologie?** Paris: La Découverte.

LATOUR, B. (2015): **Facing Gaïa**. Oito conferências sobre o novo regime climático. Paris: La Découverte.

LUHMANN, N. (1994): **Die Gesellschaft der Gesellschaft**. Frankfurt am main: Suhrkamp.

MACÉ, É. (2020): **Depois da Sociedade. Manual de sociologia ampliada**. Lormont: A beira-mar.

MANNHEIM, K. (1995): **Ideologia e Utopia**. Frankfurt am Main: Klosterman.

MBEMBE, A. (2020): **Brutalismo**. Paris: La Découverte.

MERTON, R.K. (1973): "The Normative Structure of Science", pp. 267-278 em **The Sociology of Science**, *Theoretical and Empirical Investigations*. Chicago: Imprensa da Universidade de Chicago.

POLANYI, K. (1957): **A Grande Transformação**. Boston: Beacon Press.

SAVAGE, M. (2009): " Against Epochalism: An Analysis of Conceptions of Change in British Sociology ", **Cultural sociology**, 3, 2, pp. 217-238.

SIMMEL, G. (1992): "Excursus on the problem: How is society possible?, in *sociology*. **Estudo sobre as formas de socialização** (GSG 11), pp. 42-61. Frankfurt: Suhrkamp.

STEFFEN, W. et al. (2015): "A trajetória do Antropoceno": The Great Acceleration", **The Anthropocene Review**, 2, 1, pp. 81-98.

STEINMETZ, G., ed., (2005): **The Politics of Method in the Human Sciences**. O Positivismo e seus Outros Epistemológicos. Durham: Duke University Press.

STIEGLER, B. (2016): **Em ruptura**. Como não ficar louco? Paris: Os laços que libertam.

TROM, D. (2019): **La France sans les juifs**. Emancipação, extermínio, expulsão. Paris: PUF.

VANDENBERGHE, F. (2017): "To be or not to be affected", **Newsletter Society and Emotions** (TG8/ISA), no. 2, agosto, pp. 10-17.

VANDENBERGHE, F. et Fuchs, S. (2019): "On the Coming End of Sociology", **Canadian Review of Sociology**, 56, 1, pp. 138-143.

VANDENBERGHE, F. (2020): "**Sociologie de la conjoncture, de la structure et de la démocratie au Brésil**", *Problèmes d'Amérique latine* (no prelo).

WAGNER, P. (1994): **A Sociology of Modernity**. Liberdade e Disciplina. Londres: Routledge.